

81'42

5237p

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

**ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS DE PONTES E LACERDA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MAIRA REGINA DA CRUZ SANTOS

**O POLÍTICO NA LÍNGUA: EFEITOS DE SENTIDO SOBRE A MULHER NA
POLÍTICA BRASILEIRA**

PONTES E LACERDA – MT

DEZEMBRO 2014/2



MAIRA REGINA DA CRUZ SANTOS

**O POLÍTICO NA LÍNGUA: EFEITOS DE SENTIDO SOBRE A MULHER NA
POLÍTICA BRASILEIRA**

Trabalho de conclusão de apresentada ao departamento de Letras – *campus* universitário de Pontes e Lacerda – UNEMAT, sob orientação da Prof. Me. Weverton Ortiz Fernandes, como requisito parcial para avaliação da disciplina de TCC.

PONTES E LACERDA – MT

DEZEMBRO 2014/2

FICHA ASSINADA PELA BANCA (SERÁ ENTREGUE NO ATO DA DEFESA)

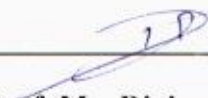
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Weverton Ortiz Fernandes (orientador)



Profa. Dra. Silvia Regina (membro)



Prof. Me. Divino Alex (membro)

DEDICÁTORIA

Dedico este trabalho primeiramente a DEUS que permitiu que eu estivesse viva e com saúde para chegar até aqui. A minha mãe, Terezinha , pois ela foi a pessoa quem mais me incentivou, e é a pessoa a quem devo essa e outras vitórias. Ao meu esposo Júlio César, pois desde que o conheci, sempre me ajudou incansavelmente para me ver vitoriosa e feliz. Aos meus filhos, Davi e Júlia Fernanda, que são meus amores, e é por eles que luto e não desisto nunca. Aos meus irmãos e amigos que torceram e acreditaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço incansavelmente a DEUS por permitir que eu chegasse até aqui, pois sem a sua permissão e bondade, não teria perseverança pra lutar e não desistir. A minha rainha, minha mãe, que é uma guerreira, minha fonte de inspiração, ela foi a pessoa quem mais me incentivou e depositou confiança em mim. Ao meu esposo Júlio, que apesar de meus defeitos, me ajudou incansavelmente e esteve do meu lado em todas as lutas, vitórias e derrotas da minha vida. Aos meus lindos e amados filhos Davi e Júlia Fernanda, que são os responsáveis pela minha perseverança, são por eles que luto e vou lutar sempre. Muito obrigada meus amores...

RESUMO

Esta pesquisa monográfica se filia na teoria da Análise de Discurso de linha francesa. Tomamos como noção a memória discursiva e a paráfrase e polissemia. Temos como objetivo compreender como a incompletude faz funcionar o político no gesto de dizer do TSE sobre o papel da mulher na política brasileira. O material de análise são as campanhas de incentivo do TSE e um pôster que faz alusão a uma dessas propagandas. Essas propagandas eleitorais do TSE são campanhas de incentivo denominado "Mulheres na política" em que pedem para que elas façam parte da política.

Palavras-chave: Memória Discursiva- Político-Dito e Não-dito.

ABSTRACT

This monographic research joins the theory of French Discourse Analysis. We like the idea discursive memory and the paraphrase and polysemy. We aim to understand how the incompleteness operates in the political gesture to say the TSE on the role of women in Brazilian politics. The analysis material are the TSE incentive campaigns and a poster that alludes to one of these advertisements. These electoral advertisements of the TSE are incentive campaigns called "Women in politics" in asking for them to be part of the policy.

Keywords: Discourse Memory- Political- Said and unsaid

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO-----	1
I- O POLÍTICO NA LÍNGUA: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS-----	6
II- MOVIMENTOS FEMINISTAS: O RETORNO DO MESMO E DO DIFERENTE-----	12
III- CAMPANHA SOBRE O PAPEL DA MULHER NA POLÍTICA BRASILEIRA: GESTOS DE LEITURA-----	18
IV- CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS-----	19
V- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	20

INTRODUÇÃO

Tomamos como objeto de análise nesse trabalho monográfico duas propagandas do TSE, e um pôster que é referente a uma dessas propagandas que foram retiradas da internet. As duas propagandas juntamente com o pôster, são campanhas de incentivo do TSE, onde pedem para que a mulher faça parte da política.

Para a análise, nos filiamos a Análise de Discurso francesa, fundada por M. Pêcheux na França e desenvolvida no Brasil por E. Orlandi. A noção mobilizada para a análise foi a de memória discursiva e paráfrase e polissemia. Temos como objetivo compreender como a incompletude faz funcionar o político no gesto de dizer do TSE sobre o papel da mulher na política brasileira.

Essa pesquisa compreende quatro capítulos. O primeiro capítulo faz as considerações teóricas da Análise de Discurso francesa, no qual é mobilizada as noções de memória discursiva, sendo que pela memória os sentidos deslizam, produzindo o mesmo no diferente, compreendido como paráfrase e polissemia. Nesse sentido buscaremos compreender como o efeito de argumentação faz funcionar o político no gesto de dizer do TSE sobre o papel da mulher na política brasileira. Para isso, questionamos: de que modo funciona e se constitui o político na língua no dizível da campanha?

No capítulo 2 é feita a descrição do material de pesquisa, que são as campanhas de incentivo da mulher na política. Buscaremos compreender como a historicidade das palavras na campanha se materializam entre o mesmo e o diferente, produzindo o que Pêcheux (2006) chama de deslizamento de sentidos.

No capítulo 3 as matérias de análise são descritas para se entender o funcionamento discursivo nelas presente. O político, ao qual é tratado na análise é compreendido como algo e o último tópico às considerações entre o verbal e o não verbal, postos em funcionamento nas charges em questão. O político do qual se trata na análise, ocorre pela contradição estabelecida por uma normatividade em relação aos que neles estão incluídos e excluídos. E por último, as considerações conclusivas, em que procuramos compreender os efeitos de sentidos produzidos pelas campanhas, no que remete a argumentação e a linguagem verbal e não verbal.

I. O POLÍTICO NA LÍNGUA: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Antes de iniciarmos as considerações pela perspectiva da Análise do Discurso, refletiremos sobre a questão do político na língua, com base nos estudos de Eduardo Guimarães (2002):

“O político, ou a política, é para mim caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualdade) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos. Deste modo importa, antes de ir à frente, uma observação: o político não é o que se fala sobre a igualdade, sobre os direitos, etc. Colocar-se neste lugar é também e ainda conceber o político negativamente, por tratá-lo como o lugar do engodo, da, na melhor das hipóteses, doce mentira” (GUIMARÃES, 2002, p. 16).

O político ocorre pela contradição estabelecida por uma normatividade em relação aos que neles estão incluídos e excluídos. Compreende-se assim que a formação do sujeito político acontece através de seu enunciado que, conforme o autor, o enunciado se inscreve na história e no tempo, pela sua forma antagônica de legitimidade, ou seja, pelo seu ideal apagado, quando para ser legítimo precisa pregar a igualdade, no entanto, é historicamente desigual: “O político é a afirmação da igualdade, do pertencimento do povo ao povo, em conflito com a divisão desigual do real, para redividí-lo, para refazê-lo incessantemente em nome do pertencimento de todos no todos” (GUIMARÃES, 2002, p). O político é assim recortado por Guimarães como um espaço de enunciação, um espaço para o discurso. Em relação ao discurso, esta noção faz relação com outros dizeres não necessariamente ditos no espaço enunciativo. Em *O Discurso: estrutura ou acontecimento*, de Michel Pêcheux (2006), o autor diz que:

[...] o princípio dessas leituras consiste, como se sabe, em multiplicar as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de se colocar em posição de “entender” a presença de não-ditos no interior do que é dito (PÊCHEUX, 2006, 44).

Compreendemos que a materialidade da língua traz no dito o funcionamento do não dito, possibilitando compreender que todo enunciado é suscetível a tornar-se outro, ou seja, pode se deslocar discursivamente para derivar um outro enunciado; e outras interpretações. Compreende-se assim, que todos os já ditos sustentam a formulação do dizível, numa relação entre o que está se dizendo com a incompletude.

A noção de acontecimento, em Pêcheux (2006) é compreendida como um ponto entre a atualidade e a memória. Ou seja, é uma questão de descentralização dos sentidos em determinadas materialidades linguísticas. Os sentidos não estão na origem do enunciado, mas repetem e reatualizam sentidos outros em uma determinada atualidade. Para isso, Pêcheux toma como recorte o enunciado “on a gagné” (ganhamos). A estrutura desse enunciado, tratado de modo isolado, fora do seu contexto, dificulta a leitura e a compreensão.

Para isso, Pêcheux compreende “On a gagné” de modo historicizado, que remete a um acontecimento, a vitória do presidente da França M. Mitterrand, no ano de 1981. É um dizer que se repete de outros dizeres, como um grito de vitória de um time de futebol. Ou seja, “On a gagné” é um fato linguístico que evoca uma memória.

Nesse percurso em que o autor trilha, aponta que a interpretação se situa no entremeio. Não se limita apenas a descrever e nem a interpretar de dentro do texto. O gesto de leitura do analista de discurso se dá na tensão da descrição e interpretação, onde materializa a memória estrutura linguística. E assim compreende-se a constituição e o funcionamento do discurso. Ou como diz Orlandi(2007) “o gesto de leitura do analista se situa no entremeio, em que a ideologia e o inconsciente estão estruturalmente ligados pela/na língua”.

Compreende-se em Pêcheux (2006) três caminhos que se entrecruzam no gesto de leitura: o do acontecimento, o da estrutura e o da tensão entre descrição e interpretação na Análise de Discurso. Dessas questões, o autor nos mostra que cada pessoa interpreta de uma forma: de acordo com as condições de produção, os sentidos não estão prontos e nem acabados; estão ali para serem interpretados, reformulado e resignificados. Os sentidos não são colados à literalidade dos fatos, e o sujeito não tem intenção daquilo que diz. Sendo assim, compreende-se que a linguagem é falha, e isso não é um defeito, é constitutivo do próprio discurso.

Esses sentidos que retornam, constituem a falha, é compreendido em Orlandi (2012) como memória discursiva. Segundo a autora “[...] a memória faz parte da produção do discurso” (Orlandi, 2009, p. 30). Compreende-se assim que a memória possibilita dizeres que se atualizam no momento da fala. O sujeito toma como seu dizer a partir dos já-ditos existentes e esquecidos. Nesse sentido, Orlandi faz as seguintes considerações:

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pre-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra (ORLANDI, 2009, p. 31).

Percebe-se desta forma que através da memória, o sujeito produz sentidos de dizeres que não são novos, pois não tem controle do que diz, não está na origem de seu dizer. Esse por sua vez possibilita com que o sujeito reproduza dizeres que se inscrevem em uma memória de sentidos, fazendo re-significar o já dito.

Mais adiante no texto de Orlandi, é ressaltado que o dizer não é individual, eles se significam pela história e pela língua; isto é, fatos ocorridos em outro lugar, também significam pra nós de outra forma, mesmo que não compreendemos, os sentidos se constituem nesse dizer. Para se entender melhor sobre o funcionamento da língua, Orlandi discorre sobre o interdiscurso e o intradiscurso, tomando como exemplo um enunciado político dito em uma faixa: "Vote sem medo!". O enunciado da faixa é o eixo horizontal, o intradiscurso. E esse enunciado se formula a partir do eixo vertical, o interdiscurso, que é a memória discursiva. Na faixa, o interdiscurso se significa a partir dos sentidos ditos e esquecidos, possibilitando várias interpretações e fazendo um movimento de retorno da memória discursiva.

Na faixa analisada, ao tentar ser democrático, o enunciado da faixa deixa escapar sentidos não democráticos, fazendo significar, não em sua literalidade mas pela memória, os sentidos autoritários em que o voto era "forçado" ou havia intimidação, receio, àqueles que exerceriam o voto. Assim temos o interdiscurso sustentando o intradiscurso.

Mais adiante, Orlandi retoma Pêcheux, onde o mesmo afirma que há duas formas de esquecimento no discurso; o ideológico e o enunciativo. O ideológico que "está na instância do inconsciente, que o sujeito tem a ilusão de ser a origem do que diz, quando, na verdade está tomando sentidos já existentes" (ORLANDI, 2002, p.35). No enunciado, o sujeito ao falar algo, diz de uma forma, e não de outra.

O esquecimento enunciativo está ligado à enunciação. Ao dizer algo, diz-se de uma forma, sendo que podia dizer de outras. O sujeito percebe que aquele dizer se dá apenas de um determinado modo, esquecendo de outras formas de dizer.

Com relação a linguagem, Orlandi afirma que seu funcionamento se dá através de dois processos existentes para que a linguagem se signifique; os processos

parafrástico e polissêmicos. A Paráfrase está ligada à memória; todo dizer se repete pela inscrição no já-dito. Já a polissemia são as possibilidades de significações que se materializam no intradiscurso.

A polissemia joga com o equívoco, com a memória. E tanto a paráfrase quanto a polissemia se constituem devido à incompletude na linguagem, um não existe sem o outro “Por isso, dizemos que a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados” (ORLANDI, 2009, p.37).

Percebemos dessa forma, que o discurso acontece através das diferenças existentes na linguagem; como é o caso da paráfrase e da polissemia, a junção do já dito e o de se dizer, entre o mesmo e o diferente no gesto de interpretação, é que faz o sujeito se significar, dando sentido à língua. Através da paráfrase, o sujeito retoma o que já foi dito e esquecido, como se aquele dizer fosse exclusivo seu, mas isso independe do sujeito, é algo espontâneo, como contextualiza Orladi (2012, p. 35) quando diz que “[...] temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes”. O sujeito pensa estar na origem e no controle do que diz, mas isso não depende dele. Já na Polissemia produz-se o diferente, a linguagem tem múltiplos sentidos.

Eni Orlandi mais adiante, diz “A condição da linguagem é a incompletude” (ORLANDI, 2009, p.52). Isso nos permite pensar que a incompletude faz com que o sujeito se signifique; pois essa falta abre espaço para que os sentidos e as possibilidades de novos dizeres se realizem. Se a linguagem fosse completa não haveria sentido para o discurso, pois a incompletude é que faz o sujeito se dizer e se significar no mundo, pela memória (historicidade). Essa incompletude na linguagem é que faz o homem significar, é que os sentidos não se completam. Na linguagem os significados não estão na literalidade dos fatos, e nem colados às palavras, o sujeito faz parte desse movimento de dizer e significar, constituindo o que chamamos de posição.

Em *As formas do silêncio* (1992) Orlandi apresenta algumas questões relativas à incompletude: o silêncio fundador e a política do silêncio. O silêncio fundador são os sentidos que atravessam as palavras. Todo dizer se constitui em função do não-dito, que se significa na materialidade discursiva.

A política do silêncio se constitui entre o silêncio local (interdição, censura) e o silêncio constitutivo. Este último é compreendido como dizeres que apagam outros dizeres, fazendo funcionar uma posição sujeito no enunciado.

O silêncio constitutivo aparece retomado em *Os limites do sentido*, de E. Guimarães (2002). Com base em Guimarães, faremos uma abordagem do conceito do interdiscurso e da política do silêncio, a fim de compreender o como a argumentação funciona na língua.

[...] a argumentação é um efeito da política do silêncio. Argumentar é um efeito da política do silêncio. Argumentar é mais que estabelecer uma conclusão, silenciar outros percursos da significação textual (Guimarães, 2002, p.82).

Percebemos que a argumentação não é algo espontâneo que se dá ocasionalmente, o sujeito argumenta baseado em fatos já vividos. Ao argumentar, o sujeito não se limita a conclusão, mas silencia sentidos outros em detrimento de um. No ritual de argumentar, o funcionamento da língua se dá numa relação com um já-dado pela memória discursiva, no qual interpela o dizível do sujeito, que imagina ser a origem do enunciado; e que os seus dizeres só podem ser dito de um determinado modo.

Com relação ao silêncio constitutivo, temos como objetivo compreender como a incompletude faz funcionar o político no gesto de dizer do TSE sobre o papel da mulher na política brasileira. Para isso, questionamos: de que modo funciona e se constitui o político na língua no dizível da campanha?

II. MOVIMENTOS *FEMINISTAS*: O RETORNO DO MESMO E DO DIFERENTE

Os materiais que serão analisados foram retirados do site <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2014/campanhas-publicitarias-eleicoes-2014>.

Esses materiais são três propagandas políticas do TSE; uma configurada em forma de vídeo e áudio, a segunda apenas como áudio, e a terceira é um pôster que acompanha a gravação em áudio. Esses materiais são campanhas de incentivo, em que pedem para que as mulheres façam parte da política, usando como argumento que elas são a maioria no país e mesmo assim são a minoria no parlamento.

A primeira propaganda traz como título “Mulheres na política”, com duração de trinta segundos, e é configurado em imagens e áudio. Esse primeiro vídeo aparece apenas um personagem, uma mulher falando, composto por duas vozes, sendo um masculino e o outro feminino, respectivamente. O personagem feminino tem como características a pele branca, seu discurso é de pessoa letrada e bem instruída, com a voz acentuada; a voz do personagem masculino é de pessoa instruída e com convicção sobre o assunto, que fica explícito quando fala por estatísticas sobre a mulher.

A segunda propaganda é composta por três personagens; e essa propaganda é apenas em forma de áudio. A primeira fala é feminina, de uma cozinheira negra, e provavelmente sem estudos. A segunda voz também é feminina, e a última é masculina, de alguém que reforça dizendo que a mulher tem que fazer parte da política. O tempo desse vídeo é de trinta segundos.

Ambas procuram incentivar a participação da mulher na política, alegando que poucas mulheres participam dela, sendo que são a maioria no país; e ainda dizem para elas fazerem parte da solução. Apresentaremos a transcrição da propaganda com áudio e vídeo.

Fala do homem e, posteriormente, da mulher:

As mulheres são a maioria da população, estão em maior número entre os eleitores e possuem o maior nível de escolaridade; por outro lado, ainda ocupam poucos cargos políticos no Brasil. Nesse momento, a voz da fala é a do homem e a imagem do personagem no vídeo como se dissesse essa fala é a de uma mulher. E na sequência, a voz da mulher, sendo a mesma personagem da fala anterior.

Fala da mulher: *Até quando vamos deixar que eles falem por nós?*

Dizer institucional da campanha, que aparece pela escrita: *Em 2010, menos de 9% dos parlamentares eram mulheres.*

Fala da mulher: *A nossa voz precisa ser ouvida, vamos fazer parte da política, vamos fazer parte da solução.*

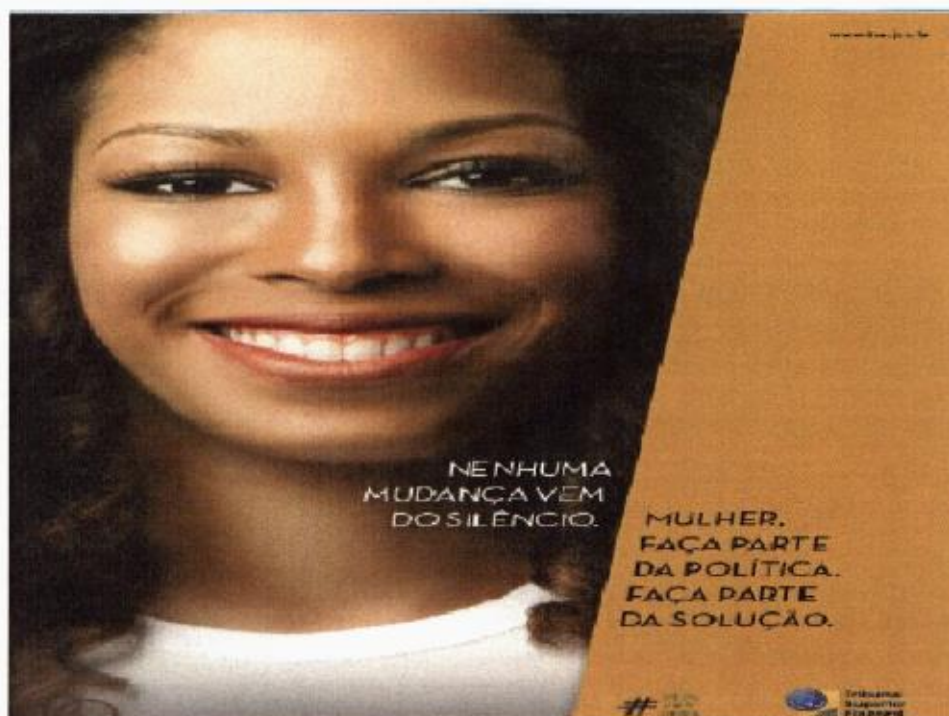
Nesse material que acabamos de transcrever, há um imbricamento de vozes (homem x mulher) representada na imagem pela própria mulher. Agora, apresentaremos a transcrição da gravação em áudio da segunda propaganda, em que a fala da mulher na transcrição anterior se repete no final dessa transcrição.

Fala da cozinheira: *Eu sou a negona dadá, cozinheira da Bahia, trabalhei muito pra chegar até aqui. Eu fui doméstica, fui orlante, hoje eu posso dizer que sou uma mulher de sucesso, mais eu sei que para todas as mulheres do Brasil serem vencedoras mesmo elas precisam conquistar mais espaço e lutar pelos seus sonhos. Nós mulheres temos o poder de decidir o futuro do país.*

Fala da mulher institucional da campanha: *A voz das mulheres precisa ser ouvida, vamos fazer parte da política, vamos fazer parte da solução.*

Fala masculina institucional da campanha: *TSE, justiça Eleitoral.*

Em outro material, o pôster, este produz efeitos de incentivo à mulher na política brasileira:



Observa-se na materialidade uma mulher negra, de aparência bem cuidada e linda, associada ao cartaz do TSE, com os seguintes dizeres, primeira parte grafada em branco: *NENHUMA MUDANÇA VEM DO SILÊNCIO.*; e a segunda parte grafada em preto: *MULHER. FAÇA PARTE DA POLÍTICA. FAÇA PARTE DA SOLUÇÃO.*

Esses efeitos se relacionam a algumas considerações históricas, fazendo-nos refletir sobre o papel da mulher na sociedade brasileira. Durante séculos, a mulher do Brasil e do mundo travou uma luta persistente para conquistarem direitos que a elas eram negados para se firmarem como cidadãs. O papel da mulher na sociedade se limitava apenas em serem donas de casa, mães, esposas e educadoras. Na metade do século XIX as mulheres buscaram uma igualdade, não se limitando apenas aos afazeres domésticos. Elas estavam submissas aos imaginários sociais quanto ao papel a ser desempenhado na sociedade. Nesse século, a mulher instaura uma ruptura, executando o novo papel na sociedade: a de trabalhar fora de casa; trabalho assalariado. Em um artigo da internet sobre o papel da mulher na sociedade, diz o seguinte:

Dessa forma, as questões de gênero dizem respeito às relações sociais e aos papéis sociais desempenhados conforme o sexo do indivíduo, sendo o papel da mulher o mais estudado e discutido dentro dessa temática, haja vista a desigualdade sexual existente com prejuízo para a figura feminina. Assim, enquanto o sexo da pessoa está ligado ao aspecto biológico, o gênero (ou seja, a feminilidade ou masculinidade enquanto comportamentos e identidade) trata-se de uma construção cultural, fruto da vida em sociedade. Em outras palavras, as coisas de menino e de menina, de homem e de

mulher, podem variar temporal e historicamente, de cultura em cultura, conforme convenções elaboradas socialmente. (www.brasilecola.com. Acessado 27/09/2014).

Pela perspectiva discursiva, a figura feminina a ocupar um papel social antes mesmo de ela própria (figura feminina) poder escolher. O mesmo vale para o sujeito masculino. A mulher, independente dos seus desejos, vontades, há de ocupar um papel que lhe é dado, interpelado pela ideologia, naturalizado no contexto social. Mesmo assim, os movimentos tidos como feministas, questionam esses papéis atribuídos às mulheres e, ao longo do século, na sociedade brasileira, as rupturas se dão como resistência ao papel atribuída para a mulher brasileira.

No imaginário social, as mulheres eram dependentes dos homens para tudo: do pai e do irmão antes do casamento, e posteriormente quando casada, do marido. Mas essa situação não durou por muito tempo; com a Revolução Industrial surgiu uma nova realidade para as mulheres, que deixaram de serem donas de casa para trabalharem junto às máquinas nas indústrias e fábricas.

Esse foi um dos inícios das conquistas femininas no espaço social. Em meados do século XIX para o XX, formou-se um movimento denominado Sufrágio Feminino, onde lutavam por melhoria nas condições de trabalho, melhores salários, direito ao voto, e direito a fazerem parte do parlamento. Essa reação feminina aconteceu após a criação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789), onde eram negados às mulheres direitos que eram só dos homens; o direito ao voto, de fazer parte do parlamento, de trabalhar etc.

A dramaturga Olympe de Gouges (1748-1793) se revoltou com tal fato e escreveu a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, onde professava a total igualdade legal e política entre os sexos. A partir deste gesto de Olympe de Gouges, as mulheres de várias partes do mundo saíram às ruas e exigiram direitos que a elas eram negados como: direito de votarem e fazerem parte do parlamento.



A imagem acima retrata um protesto das “sufragistas”. Compreende-se aí um efeito do retorno do sufrágio universal para o sufrágio feminista, porém com objetivos distintos. No site www.vermelho.org.br produz gestos de leitura sobre a condição das mulheres no início do século XIX, considerando as mulheres desse tempo como seres incapazes, até mesmo pela perspectiva do jurídico. E ainda assim, segundo o site, elas não deixaram de lutar por seus direitos e por um Brasil melhor, quando se envolveram na luta pela Independência, Abolição da Escravidão, Proclamação da República etc. Essas lutas se repetem na atualidade, porém em situações bem distintas, como apresentadas no material recortado e que será compreendido posteriormente na análise. Abaixo a imagem da atual presidente do Brasil, que em nossa visão significa esses efeitos de movimento da luta da mulher na política brasileira.

2010: Dilma Rousseff eleita a primeira presidente mulher do Brasil.



2014: Dilma Rousseff reeleita como presidente do Brasil.

Conforme observamos, compreende-se um movimento da luta da mulher na política brasileira, movimento este que se repete em diferentes períodos, mas produzindo efeitos distintos.

III. CAMPANHA SOBRE O PAPEL DA MULHER NA POLÍTICA BRASILEIRA: GESTOS DE LEITURA

Levaremos em conta nos três materiais de análise as seguintes questões: o político que se institui no dizível das campanhas; e o efeito da argumentação. Novamente, apresentaremos a transcrição da gravação em áudio e vídeo:

Fala do homem/personagem mulher: *As mulheres são a maioria da população, estão em maior número entre os eleitores e possuem o maior nível de escolaridade; por outro lado, ainda ocupam poucos cargos políticos no Brasil.*

Fala da mulher: *Até quando vamos deixar que eles falem por nós?*

Dizer institucional da campanha, que aparece pela escrita: *Em 2010, menos de 9% dos parlamentares eram mulheres.*

Fala da mulher: *A nossa voz precisa ser ouvida, vamos fazer parte da política, vamos fazer parte da solução.*

Dizer institucional da campanha, que aparece pela escrita: *TSE, justiça eleitoral.*

Em *As mulheres são a maioria da população, estão em maior número entre os eleitores e possuem o maior nível de escolaridade*; nessa estrutura há um efeito de que a mulher obtém vantagens sobre o homem. Essas vantagens relacionam-se a partir dos elementos de argumentação: as mulheres são maioria, estão em maior número e possuem maior nível de escolaridade... esse dizer refere-se a quem? Ou seja, ao dizer algo, pelo não-dito faz funcionar o referente, que é o homem. Nessa estrutura, a palavra homem não aparece, mas é significada pela incompletude, pela relação de oposição mulher x homem. Faz funcionar nesses efeitos de diferenças, entre a mulher e o homem. E não só isso, a mulher é tida como superior, e os efeitos de argumentação indicam esses sentidos. E esses efeitos se dão não fechado na estrutura, mas na relação da estrutura da língua com a memória discursiva.

Esse dizer faz funcionar a paráfrase e a polissemia, efeitos esses que não estão na estrutura mas pelo não-dito: os homens são minoria, estão em menor número e

possuem menor nível de escolaridade. Ainda no mesmo enunciado *por outro lado ainda ocupam poucos cargos políticos no Brasil*. Quando se enuncia *por outro lado* produz o que Orlandi aponta como deslizamento de sentidos, e através disso a contradição. Isso ocorre porque no começo do enunciado, o sujeito masculino inicia sua fala ressaltando as qualidades do sujeito feminino (maior nível de escolaridade, são a maioria entre os eleitores etc.), e em seguida continua enunciando *por outro lado*, que dá ao telespectador a possibilidade de novas significações e interpretações que possam ser contrárias aos de finalidade da campanha.

Os efeitos de contradição estão bem presentes nessa campanha, onde pretende-se mostrar o papel da mulher na política, e que a mulher se diz com indignação *até quando vamos deixar que eles falem por nós?* Quando o sujeito feminino enuncia com indignação pela sua voz ocultada durante a história, deixa transparecer o que Orlandi aponta como memória discursiva, que segundo a autora, são dizeres produzidos anteriormente em outro lugar que se atualizam no momento da fala, pois o sujeito não está na origem de seu dizer e não tem controle sobre o que diz. É o que acontece nesse enunciado feminino, quando o sujeito faz o seguinte questionamento ao público feminino *até quando vamos deixar que eles falem por nós?* Esse dizer se repete de outros dizeres, fazendo-nos retornar ao momento histórico que foi a ditadura, em que as mulheres saíam às ruas para reivindicar o direito ao voto e fazerem parte do parlamento, pois esses direitos a elas eram negados, já que os homens é que falavam por elas (marido, pai, irmão etc.), evocando assim uma memória. Nesse dizer pode-se observar uma relação sócio-histórica, com o que se diz e os sentidos já existentes, pois desse modo o enunciado fará sentido de acordo com a historicidade do discurso.

O que significa nessas condições a voz do homem no dizer da mulher? A voz do homem no dizer da mulher é que vai fazer significar o discurso e o sujeito feminino nesse dado momento histórico, em que a mulher clama para ter mais espaço no meio político. Essa fala masculina contradiz com o que se almeja na propaganda, que é de dar voz a mulher no parlamento.

Dada a incompletude da/na linguagem, o ritual que falha merece algumas considerações no efeito produzido pela campanha: a primeira, como foi dito, é a voz do homem em um ritual de dizer da mulher. E a segunda falha está na linearidade significativa, onde funciona como um modo de apagamento do dizer da voz do homem, assim que é iniciada a voz da mulher, como apagamento do homem na política, em

detrimento da posição da mulher na sociedade: mais estudada, e maioria na população; efeitos estes produzidos pela campanha.

O efeito de argumentação é recorrente durante a campanha de incentivo à mulher na política brasileira, não se limitando apenas à fala, mais à escrita de um dizer institucional que é apontado através de estatísticas *Em 2010, menos de 9% dos parlamentares eram mulheres*. Esse recurso estatístico exposto na campanha reforça o efeito de argumentação sustentado durante toda a campanha e dá a ela um efeito de credibilidade em seu dizer.

Em um último momento ao enunciar *a nossa voz precisa ser ouvida, vamos fazer parte da política, vamos fazer parte da solução*, pela incompletude do que se enuncia e pelo referente, *a voz da mulher não é ouvida no parlamento? Os homens enquanto parlamentares não solucionam os problemas da sociedade convocando assim as mulheres à resolvê-los?*

Pela imagem corporal da mulher nessa campanha de incentivo, é possível produzir efeitos de sentidos de uma mulher de pele branca e bem cuidada, magra, com a voz suave e sua fala de pessoa culta e provavelmente graduada.

Passemos agora para o nosso segundo material de análise, que é apenas em forma de áudio e tem um pôster anexado a ele. Mostraremos novamente a sua descrição.
Fala da cozinheira: *Eu sou a negona dadá, cozinheira da Bahia, trabalhei muito pra chegar até aqui. Eu fui doméstica, fui orlante, hoje eu posso dizer que sou uma mulher de sucesso, mais eu sei que para todas as mulheres do Brasil serem vencedoras mesmo elas precisam conquistar mais espaço e lutar pelos seus sonhos. Nós mulheres temos o poder de decidir o futuro do país.*

Fala da mulher institucional da campanha: *A voz das mulheres precisa ser ouvida, vamos fazer parte da política, vamos fazer parte da solução.*

Fala masculina institucional da campanha: *TSE, justiça Eleitoral.*

A análise ocorrerá em sua linearidade de dizer. Na primeira parte *Eu sou a negona dadá, cozinheira da Bahia, trabalhei muito pra chegar até aqui*. Nesse enunciado o sujeito feminino se apresenta como uma mulher negra e de estrutura corporal avantajada (*negona*), seu nome é Dadá, é cozinheira na Bahia. O sujeito que enuncia faz um alto-retrato de sua pessoa, relatando suas características para que os

ouvintes do áudio construam uma imagem de si. Essa imagem de si construída em seu dizer diferencia da imagem e do dizer do recorte 1, em que a mulher era branca e, supostamente, de uma classe mais estudada. Tem-se a produção de diferentes vozes para um dizer sobre o papel da mulher na política brasileira.

Continuando com seu discurso, Dadá, enuncia as profissões e dificuldades que passou, para assim vencer na vida *Eu fui doméstica, fui orlante, hoje eu posso dizer que sou uma mulher de sucesso* nessa estrutura.....*mais eu sei que para todas as mulheres do Brasil serem vencedoras mesmo elas precisam conquistar mais espaço e lutar pelos seus sonhos*. Nessa estrutura o sujeito usa de elementos linguísticos *mais/mesmo* para remeter ao sucesso da mulher atrelado as lutas e as conquistas políticas. Nesse dizer de si faz significar o dizer das mulheres.

É possível observar o efeito argumentativo no seguinte enunciado: *serem vencedoras mesmo elas precisam conquistar mais espaço e lutar pelos seus sonhos*, que parafraseia *só é possível serem vencedoras se conquistar mais espaços, se não conquistar espaços não será vencedora*.

Nós mulheres temos o poder de decidir o futuro do país faz funcionar nesse enunciado um dizer que instala uma posição: a posição sujeito mulher, feminino, que funciona um efeito da argumentação, para alcançar x, é necessário fazer y.

Em seguida a fala institucional representada na voz de uma mulher: *A voz das mulheres precisa ser ouvida, vamos fazer parte da política, vamos fazer parte da solução*. Do mesmo modo que em vários recortes, esse dizer parafraseia outros dizeres em que aparece como uma voz que fala por todas as mulheres do Brasil, pedindo para fazerem parte da política e da solução, fazendo significar pelo não dito efeitos de problema pelo fato da mulher ser minoria no parlamento e na representação política brasileira.

Outros efeitos também se dizem nesse enunciado, fazendo funcionar a historicidade: *a voz da mulher nunca foi ouvida*. Além disso, faz funcionar sentidos outros como: *relação desigual entre a mulher e o homem*. Esses efeitos se dão pela contradição, pelo não dito, que escapa pela história e de modo indireto sustenta esse dizer.

Em seguida apresentaremos o cartaz que vem anexado a essa segunda propaganda, que será o nosso objeto de análise.



Nesse cartaz do TSE, que faz alusão à segunda propaganda eleitoral, a figura mostrada é de uma mulher negra de aparência bem cuidada e bonita. Ela veste uma blusa branca com alguns dizeres no cartaz: O primeiro dizer está em branco e com letra maiúscula dizendo o seguinte NENHUMA MUDANÇA VEM DO SILÊNCIO. O segundo dizer do cartaz é também em letra maiúscula e está na cor preta MULHER. FAÇA PARTE DA POLÍTICA. FAÇA PARTE DA SOLUÇÃO.

Nesse pôster são produzidas a linguagem verbal e não verbal, onde o verbal é representado pela escrita, e o não verbal pelas cores. Na linguagem verbal, que é a escrita, podemos perceber o efeito de argumentação se construindo no dito e não dito, onde a escrita do pôster faz funcionar o referente, que os homens não conseguem solucionar os problemas do país, pedindo assim para as mulheres resolverem.

A cor da mulher (negra) ao lado do dizer NENHUMA MUDANÇA VEM DO SILÊNCIO faz funcionar pela memória o silenciamento que a mulher negra sofreu desde o período da escravidão. Ou seja, em sendo uma mulher branca, o efeito da argumentação se constituiria de um outro modo. Nesse dizer, outros efeitos também se

dizem: se ficarem quietos (silêncio) nenhuma mudança ocorrerá. Compreende-se que nesse gesto de argumentar e persuadir as mulheres, o elemento linguístico *silêncio* se diz e significa de diferentes modos nessa conjuntura. O corpus de análise procura não especificar apenas um tipo mas várias classes de mulheres, fazendo funcionar pela memória os efeitos de que “a união faz a força”.

Se no pôster aparecesse uma mulher de pele branca ao lado do seguinte dizer NENHUMA MUDANÇA VEM DO SILÊNCIO, muito provavelmente os efeitos de silenciamento da mulher no período da escravidão não se significaria nesse dizer. Esses efeitos escapam pela falha no ritual da linguagem.

Na linguagem verbal e não verbal que constitui o corpus de análise, percebemos que procura significar a mulher como um todo. As cores grafadas em branco e preto nos mostram que os efeitos produzidos são voltados para todas as mulheres, independente de sua cor, grau de escolaridade, e etc. O dizer tem como principal referente as mulheres do Brasil, e nesse dizer faz funcionar o imaginário de um país multicultural, representada pelas mulheres nas campanhas sobre o papel da mulher na política.

O pôster em questão se diferencia com relação a gravação, sendo que são anexos na campanha de incentivo. A descrição feita na gravação é de uma mulher que se diz *negona* e *cozinheira*, que pelo não dito nos faz imaginar uma mulher acima do peso, descuidada, alta (*negona*). Essa imagem que se constrói pelo dizer do recorte 2 se constitui pela memória discursiva. E no entanto, ao representar a mulher no cartaz, a representação muda, fazendo funcionar outros efeitos da mulher dito na gravação com a mulher que aparece no cartaz: negra, magra, linda, dentes brancos.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

A fim de se colocar a entender a presença de não-ditos no interior daquilo que é dito (PÊCHEUX, 2006), compreendemos o funcionamento do político nos materiais selecionados enquanto um jogo de contradição construída pela própria linguagem. A afirmação do pertencimento (o papel da mulher na política) faz vazar pela história e pelo ritual da campanha a condição do homem na política brasileira.

Esses materiais têm em comum as campanhas de incentivo voltadas para o público feminino, onde pedem para a mulher fazer parte da política, fazerem parte da solução. As diferenças entre elas é que na primeira campanha é uma gravação em vídeo, a segunda é um áudio e a terceira é um pôster. O sujeito feminino da primeira é de pele branca, e dos outros dois é de pele negra.

Observamos nessas campanhas que os efeitos de argumentação são recorrentes, pois o dizível se dá pelo lugar de dizer da mulher, feminino, a partir dos elementos linguísticos que argumentam o seu dizer: as mulheres são mais estudadas, são maioria da população, lutam pelo seu espaço na sociedade e na política; e também o efeito de argumentação do não linguístico: mulheres de todas as cores e classes.

Diante do que foi discutido, compreendemos que a campanha sobre o papel da mulher na política brasileira falha, uma falha que se constitui pela história, pelo gesto de afirmação de pertencimento (Guimarães, 2002), em que se instala a contradição.

REFERÊNCIAS

[HTTP://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2014/campanhas-publicitarias-eleicoes-2014](http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2014/campanhas-publicitarias-eleicoes-2014). Acessado em 30 de jun. de 2014.

[HTTP://www.brasilecola.com](http://www.brasilecola.com). Acessado em 27/09/2014.

[HTTP://www.vermelho.org.br](http://www.vermelho.org.br). Acessado em 01/10/2014

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*/ Michel Pêcheux; tradução: Eni P. Orlandi – 6^a Edição, Campinas, SP. Pontes Editores, 2006.

ORLANDI, Eni Puuccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos* / Eni P. Orlandi. – Campinas, SP : Pontes, 8^a edição, 2009.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Eni P. Orlandi. Pontes 2001.

_____. 1942. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico* / Eni P. Orlandi. – Campinas : Pontes, 2004. 4^a edição.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*/ Eduardo Guimarães. – Campinas, SP: Pontes, 2002.